

DOS ASPECTOS MILITARES

Esta seção trata dos fatores de insatisfação dos alunos que são inerentes apenas aos alunos da ativa. Dentre outros fatores, constantemente, os alunos do IME reclamam que as atividades militares estão se sobrepondo às atividades acadêmicas e estão dificultando e nos afastando daquela que deveria ser a atividade fim deste instituto. Iniciaremos com a missão institucional do IME [1]:

"Formar, especializar e aperfeiçoar pessoal em nível superior no campo científico-tecnológico e cooperar, pelo ensino e pela pesquisa, para o progresso do Exército Brasileiro e do país."

Todo ano, a formação militar do instituto sofre alterações. Se por um lado isto demonstra uma preocupação do Comando do IME e, principalmente, do Corpo de Alunos em melhorar a nossa formação militar; por outro, essas alterações vêm demonstrando uma tendência a nos afastar da supracitada missão do IME, aproximando a *formação técnica militar* do Oficial Engenheiro daquela do Oficial Combatente.

Como já disse o poeta Castro Alves: *"Não cora o livro de ombrear com o sabre. Nem cora o sabre de chamá-lo irmão"* [2]. Compreende-se que as atividades militares caminhem junto com as atividades acadêmicas, no entanto a especificidade do engenheiro não parece estar sendo contemplada dentro do âmbito militar. A formação militar em seus princípios, valores e tradições deve ser comum a todos os integrantes desta instituição. Contudo, entendemos que nossa formação técnica militar deveria atender às peculiaridades do QEM.

A estrutura atual do EB prevê a separação de atribuições dos militares dentro dos quadros, armas e serviços da força para que cada um possa servir da melhor maneira possível segundo suas aptidões e todos cooperem no desenvolvimento de um organismo único. Dentro desse contexto, o IME projetou seu nome nacionalmente como uma escola tradicional de engenharia, que possui um nível de seleção elevado, devido à grande dificuldade de seu vestibular e também apresenta resultados expressivos no ENADE e em olimpíadas acadêmicas. Assim é atraído para o IME o estudante da sociedade civil.

Vimos para servir à nação brasileira, ao Exército Brasileiro, colocando a disposição nossos cérebros, nosso empenho. É claro que, ao tomar essa decisão, esperamos sermos formados militares, mas não é o brevê de montanha, a superação da patrulha ou a

sobrevivência na selva que nos distingue militares. Qualquer gestor público desempenha atividades burocráticas e qualquer mercenário pode desempenhar atividades de combate, sem no entanto serem militares. O que nos distingue militares são os valores e as tradições da instituição, o patriotismo, a ética, o sentimento do dever e, principalmente, a hierarquia e a disciplina, e esses valores são evidenciados em um militar tanto em atividades bélicas, técnicas ou administrativas.

Evidentemente, como militares, devemos estar habilitados a manusear armas de fogo, dar serviço, dentre outros aspectos comuns à carreira de um Oficial do EB, independentemente de seu quadro, arma ou serviço. O que nos desmotiva é sermos desviados demasiadamente de nossa atividade fim, daquilo a que nos dispusemos voluntariamente a fazer, para realizar tarefas que não temos aptidão e que pouco nos agrega enquanto engenheiros militares. E, como se não bastasse os relatos constantes de desvio de função contribuindo para a evasão de companheiros do quadro a que aspiramos, no IME também percebemos desvios em excesso do que deveria ser nossa atividade fim.

Entendemos que a formação militar do aluno do IME deveria nos preparar para conhecer a estrutura da nossa força, absorver valores e tradições e desempenhar os papéis de gestão pública para que, assim, possamos falar uma “língua comum” com os oficiais combatentes no cumprimento das missões de pesquisa, desenvolvimento e manutenção dos materiais de emprego militar.

Essa inversão fica ainda mais latente quando se considera não apenas a valorização das atividades militares, mas também a inexistência de mecanismos similares para valorizar méritos intelectuais. É possível, por exemplo, ver alunos do IME atualmente com distintivos de montanha em suas fardas. Não se encontra, porém, nenhum aluno com um distintivo de guerra eletrônica, guerra cibernética etc. Institucionalmente, valoriza-se um indivíduo que tenha obtido um bom desempenho na montanha, porém não há qualquer reconhecimento do gênero para o aluno que se destaca no campo acadêmico, naquilo a que ele optou se doar.

Atualmente o aluno do IME não tem o mesmo perfil do cadete da AMAN, que está sendo formado para a atividade fim da força. O que esperamos é que o Exército respeite as diferenças e valorize cada um segundo suas competências e vocações.

1) Da Instrução Militar

A forma como são conduzidas as instruções militares no IME frequentemente torna-se alvo de reclamações dos alunos da ativa. Nesta seção serão apresentadas as razões das reclamações mais comuns.

1.1) Do conteúdo

A formação militar no IME segue um conteúdo programático básico, comum a todos os militares da Força, acrescido de outros componentes em constante evolução no PLADIS. Desta abordagem, os alunos observam particularmente os seguintes pontos :

1. O conteúdo básico apresenta muitas partes irrelevantes à atividade do engenheiro militar (não se compreende, por exemplo, o porquê de se “aprender” o que é um esporão ou um mamelão - tópicos de topografia de campanha).
2. Ao longo dos 5 anos, muitas instruções são repetidas.
3. Raramente é feita alguma ligação entre o conteúdo que está sendo ministrado e a atividade do engenheiro militar.

Dado estes fatos, para os alunos do IME, os instrutores aparentam ter pouco conhecimento sobre o papel do QEM dentro do EB. Sobre o tópico “3”, por exemplo, a ligação mais comum ocorre nos conteúdos relacionados ao desempenho de alguma função genérica, que pode ser desempenhada por qualquer oficial, inclusive os do QEM. Esse fato acaba desfavorecendo a própria instituição, tendo em vista que, uma das reclamações mais comuns daqueles que deixam a Força têm sido o desvio de função.

1.2) Das avaliações

As avaliações acabam por não medir se o aluno sabe utilizar aquele conteúdo, se sabe qual regulamento ou lei consultar caso seja necessário recorrer à aquele conhecimento. Frequentemente as avaliações induzem o aluno a decorar apenas as palavras-chave que foram apresentadas dentro de um grande conjunto de slides a fim de obter a totalidade dos escores das questões.

Para melhorar os instrumentos de avaliação seria mais interessante que fossem apresentados *cases* para os alunos os quais iriam resolvê-los realizando consultas aos regulamentos e leis necessários. Esta abordagem possibilitaria avaliar a capacidade do aluno de entender o contexto das situações em que será necessário utilizar os conhecimentos de uma determinada unidade didática, bem como suas habilidades para identificar o problema a ser resolvido e buscar uma solução nos documentos previstos quando for o caso.

Por exemplo, questões que exigem que os alunos tenham memorizado artigos do Regulamento Disciplinar do Exército (RDE), poderiam ser substituídas por questões práticas de enquadramento com consulta a este regulamento durante a prova. Não havendo a necessidade de decorar determinados artigos, apenas porque serão cobrados na avaliação.

1.3) Das atividades no terreno

Este é um ponto que gera muita incompreensão dentro do Instituto. Ano após ano, o IME vem inserindo mais e mais atividades “de campo” na formação do engenheiro militar. Há não muito tempo (cerca de 10 anos) havia apenas o acampamento básico.

Podemos evidenciar isso utilizando como exemplo a experiência da turma que se formará neste ano de 2014 e portanto está no 5º ano. Em 2010, realizou-se um acampamento básico. Em 2011, esta turma realizou uma atividade no terreno diferenciada, chamada de “campo tecnológico” a qual tinha o objetivo estimular o interesse dos alunos do segundo ano pelas diversas especialidades de engenharia oferecidas no instituto. Para tanto, as instruções durante o campo eram organizadas pelos alunos do 5º ano dentro das seções de ensino. Em 2012, incluiu-se uma atividade de Garantia da Lei e da Ordem para os alunos desta turma que estavam no então terceiro ano. Em 2013, a mesma turma realizou um curso básico do combatente de montanha no 11º Batalhão de Infantaria de Montanha (11 B I MTH).

Em 2014, já no quinto ano, a mesma turma realizou um PCI de adaptação a selva com duração de três dias durante a Operação Ricardo Franco que tinha como objetivo em sua criação colocar em prática os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da formação em projetos em prol do desenvolvimento da Amazônia, porém a cada ano está agregando mais dias de atividades no terreno.

Para as turmas que seguem a de 2014, algumas modificações foram feitas. O “campo tecnológico” não existe mais. Atualmente existe mais um acampamento no primeiro ano em que são realizadas atividades em conjunto com a EsPCEx; e um campo de patrulha que é

realizado pelos alunos do segundo ano. Para os alunos do terceiro ano, o tipo de atividade no terreno tem variado, uma vez que não se tem sido mais realizado o campo de GLO.

Estas atividades são executadas com um grande esforço e empenho do Corpo de Alunos e das OMs que recebem os alunos do IME as quais disponibilizam instrutores para orientá-los da melhor maneira possível.

Este empenho é percebido pela maioria dos alunos, entretanto essas atividades deveriam ser aproveitadas para que os alunos tomassem conhecimento da realidade dos militares que são empregados para a atividade fim da força e assim, estivessem melhor habilitados para propor soluções tecnológicas que facilitassem a rotina diária desses militares. Contudo, contrariando esta idéia, as atividades no terreno tem sido conduzidas por outro viés, tem se estimulado mais a aquisição de brevês e o desenvolvimento de habilidades para o combate.

Outro argumento utilizado para o aumento dessas atividades é o desenvolvimento de “atributos da área afetiva”. Todavia, dizer que esta é a única forma de desenvolver atributos [da área afetiva] é, mais uma vez, valorizar a formação do oficial combatente por sobre às dificuldades inerentes à condição do aluno do IME. É ignorar todo aprendizado sobre companheirismo que ocorre dentro da Casa do Engenheiro Militar, devido à própria pressão acadêmica e ao esforço realizado para enquadramento nos preceitos da instituição.

Esses aspectos geram bastante insatisfação, pois os alunos procuram o IME, pois se identificam com sua missão de *“formar, especializar e aperfeiçoar pessoal em nível superior no campo científico-tecnológico e cooperar, pelo ensino e pela pesquisa, para o progresso do Exército Brasileiro e do país”*. e acabam sendo surpreendidos com atividades no terreno sem nenhum cunho científico-tecnológico e que agregam pouco à sua formação de engenheiros militares.

Conclui-se que a formação militar está muito voltada para a vertente combatente, sem no entanto aproveitar para criar um sentimento de pertencimento à um quadro com identidade dentro de uma instituição perene e secular e sem aproveitar para divulgar e motivar os alunos às atividades importantes desempenhadas pelo EB com auxílio dos engenheiros militares.

2) Do Treinamento Físico Militar

Atualmente os alunos do IME realizam treinamento físico militar obrigatório quatro vezes na semana divididos em suas respectivas turmas. Tem se discutido uma possível modificação para três dias apenas de TFM na semana, fato este que já seria de grande valia para aliviar o estresse dos alunos os quais possuem uma rotina bastante sobrecarregada.

Porém, aqui propomos mudanças que poderão melhorar ainda mais a rotina dos alunos, a exemplo do que é feito na Academia Militar dos Estados Unidos, tendo sido bem observado pelos alunos que realizaram intercâmbio no segundo semestre do ano de 2013 e registrado no relatório da referida missão.

A Academia Militar dos Estados Unidos, criada em 1802 e legalizada pelo presidente Thomas Jefferson, tem a missão de educar, treinar e inspirar seu corpo de cadetes a fim de forjar líderes de inquestionável caráter comprometidos com os valores da instituição (*Duty, Honor, Country*).

A formação de quatro anos de graduação visa desenvolver a liderança dos 4000 cadetes, que frequentam a academia, nos contextos militar, acadêmico e físico. Naquela academia, a valorização da prática desportiva é notória, lá os cadetes são incentivados a manter um condicionamento físico de excelência e o fazem.

Existem times de diversas modalidades esportivas. As equipes de competição treinam diariamente, inclusive nos finais de semana, além de participarem constantemente de campeonatos. Muitas vezes, os cadetes são dispensados de atividades acadêmicas e militares para realizarem tais competições.

O aspecto mais interessante, no entanto, é o fato de que os cadetes que atingem índices elevados nos testes físicos são dispensados do treinamento físico militar obrigatório. Assim, é dada autonomia para que os cadetes treinem no horário que lhes for mais conveniente e adequado às suas rotinas de estudo, bem como para realizar o tipo de treinamento mais adequado às suas individualidades. Este reforço positivo, além de fator de motivação, constitui um ato de confiança e exige responsabilidade do futuro oficial.

Sabemos que o principal objetivo do TFM no IME é garantir que os alunos estejam aptos a atingir os índices determinados pelo Exército Brasileiro para os seus oficiais. Sendo assim, poderia-se adotar o mesmo modelo utilizado em West Point no nosso instituto, de maneira que os alunos que obtivessem índices iguais ou superiores a um grau previamente estabelecido

pudessem ser liberados do TFM pela manhã. A cada teste físico, os alunos seriam reavaliados e, caso seus índices caíssem, voltariam a fazer o TFM obrigatório.

Assume-se que os alunos capazes de atingir os índices determinados sem realizar TFM possuem maturidade suficiente para determinar o tipo de treinamento e os horários mais adequados à sua rotina e estrutura física.

3) Da Escolha de Especialidades

Atualmente, o aluno do IME realiza a escolha de especialidade de engenharia no início de seu 3º ano, antes de se iniciar o 1º semestre acadêmico daquele ano, de acordo com sua classificação que reflete seu desempenho acadêmico em relação a seus pares, e também de acordo com as vagas oferecidas por especialidade, que são definidas anualmente pelo Estado Maior do Exército, a fim de atender às necessidades da Força. Este fato é de conhecimento dos alunos já no momento da inscrição, pois é anualmente publicado no Manual de Instruções aos Candidatos.

Aparentemente, os critérios para a forma como ocorre esta escolha têm motivações claras e justas: atender às necessidades do EB e ser meritocrático. No entanto, percebe-se que estes critérios têm gerado efeitos colaterais indesejáveis por sua inflexibilidade, refletindo negativamente na vida do aluno e, futuramente, na Força Terrestre. Sabe-se que a modificação deste processo não depende apenas do IME, mas de órgãos superiores. Fica, então, registrado neste documento, um apelo para que os fatos aqui descritos e as sugestões aqui apresentadas sejam levadas à apreciação daqueles que, por atribuição institucional, podem julgá-los e decidir pelo que seja melhor para a Instituição.

O efeito colateral indesejado a nível individual está no fato de que determinados alunos não conseguem escolher o(s) curso(s) que desejavam, que estaria mais de acordo com suas aptidões. Desse universo, alguns se adaptam e acabam sendo felizes no que outrora era uma escolha frustrada, porém muitos outros não se adaptam. Esta frustração da não adaptação ao curso leva à desmotivação do aluno e ao efeito colateral indesejado a nível institucional: evasão.

Tratando do universo dos alunos que não se adaptam à escolha de curso, uma pequena parte deixa o IME antes de se formar. A parcela que pede desligamento antes de se formar é menor porque o aluno considera todo o esforço e tempo que foi necessário para ingressar no IME, além dos dois difíceis anos dentro do IME, e muitas vezes julga que vale a pena se formar

apenas para ter um “diploma do IME”. Evidentemente, muitos também enfrentam pressões dos familiares para se formar. A parcela que não pede desligamento, porém, passa os três anos do ciclo profissional completamente desmotivada academicamente e militarmente, pois é fato que dentro do EB ela terá que exercer uma atribuição da especialidade que ela não deseja exercer, pois o EB está aguardando um engenheiro daquela especialidade, conforme as vagas fixadas.

Esse processo de desmotivação desencadeia dois fatos negativos:

1. O aluno desmotivado muitas vezes não será bem formado, pois ele não quer aprender aquele conteúdo.
2. O aluno desmotivado irá buscar caminhos alternativos fora da engenharia e, conseqüentemente, fora do EB.

É fato que empresas de consultoria e do mercado financeiro procuram frequentemente alunos do IME e do ITA para trabalhar, pois são alunos com capacidade analítica elevada e que são capazes de produzir bons resultados mesmo sob pressão. Procurar estas empresas torna-se um caminho natural ao aluno que não está satisfeito com seu curso, pois é uma forma que ele tem de não trabalhar com aquilo que não gosta e ganhar dinheiro.

O aluno que não quer aprender determinado conteúdo estudará apenas para obter aprovação, mesmo que com grau mínimo, e se dedicará verdadeiramente a outras atividades, principalmente (mas não exclusivamente) visando se aprimorar nas áreas citadas no fato nº 2. Perceba que, o fato gerador da procura por estes caminhos alternativos não é a aspiração por uma melhor remuneração, mas sim a desmotivação do aluno pelas próprias experiências vividas dentro do IME.

Percebe-se, então, que todo este processo culmina na perda deste militar pelo Exército Brasileiro e, frequentemente, na perda de um engenheiro pelo Brasil. Após este panorama, entende-se que este é um problema difícil de ser resolvido, porém sugere-se que haja uma flexibilização das vagas para escolha de especialidade, a fim de minimizá-lo.

Atualmente, o EB possui muitas necessidades de engenharia. A Força está em pleno processo de transformação e não será possível acompanhar o cenário de guerra de 4ª geração sem um quadro de engenheiros militares com um grande efetivo motivado. Atualmente, o EME designa um número fixo de vagas para cada especialidade ofertada no IME. No entanto, por conta dessa grande necessidade de engenheiros e devido à grande taxa de evasão, sugere-se que sejam apresentados um número mínimo e máximo de vagas dentro de cada especialidade

de forma que haja um intervalo flexível entre eles e menos alunos sejam desmotivados por uma escolha infeliz.

Exemplo de uma escolha atualmente:

Efetivo da turma: 60 alunos

Especialidades	Vagas
Fortificação e Construção	7
Elétrica	5
Eletrônica	6
Telecomunicações	8
Mecânica e de Armamento	5
Mecânica e de Automóveis	3
Materiais	3
Química	4
Cartografia	6
Computação	13
Total	60

Exemplo de uma escolha flexibilizada:

Efetivo da turma: 60 alunos

Especialidades	Min	Max
Fortificação e Construção	5	9
Elétrica	3	7
Eletrônica	4	8
Telecomunicações	4	8
Mecânica e de Armamento	2	6

Mecânica e de Automóveis	1	4
Materiais	1	5
Química	3	5
Cartografia	3	8
Computação	10	16
Total	36	76

Com esse formato de escolha flexibilizada, pretende-se atingir um maior grau de conformidade entre os interesses do Exército e os interesses individuais do aluno, gerando um melhor aproveitamento para todos.

4) Do Estágio em Organizações Civis

O estágio curricular obrigatório dos alunos do IME compreende 160 horas que atualmente podem ser em 80 horas de estágio em organizações militares e 80 horas em empresas civis. Para uma empresa civil, no entanto, não é vantajoso abrigar um estagiário por 80 horas; na verdade, esta ação seria até antieconômica para as empresas. Por conta disso, é comum que haja um acordo de 80 horas para o estágio militar e mais horas de estágio complementar na empresa, visto que muitas empresas preferem não abrigar o aluno ao fazê-lo por apenas 80 horas.

Recentemente, percebeu-se uma postura do IME em não aprovar a realização de estágio complementar dos alunos em empresas civis. Mais do que isso, escuta-se de alguns militares, professores inclusive, que o estágio do aluno militar em empresas civis não deveria existir, que o aluno deveria prestar serviços exclusivamente para o EB. A permanência dessa postura poderia culminar no retrocesso da instituição rumo à proibição do estágio em instituições civis, como já ocorreu no passado. Veremos porque isto acarretaria um resultado ruim para todos. Evasão.

O estágio em empresas civis propicia uma experiência ao aluno que tem resultados muito positivos para o Exército, resultados que extrapolam o âmbito técnico.

Primeiramente, as empresas civis conveniadas já estão acostumadas a receber estagiários de diversas universidades. Os alunos são alocados em projetos reais, em que se necessita entregar um produto de qualidade a um cliente em um prazo determinado. O estagiário é um aprendiz, mas torna-se uma peça importante no processo de produção da empresa.

Além disso, em uma empresa civil, o aluno é apresentado não somente à prática dos conhecimentos teóricos adquiridos, mas principalmente a uma situação de aprendizado de muitas outras habilidades que não são ensinadas nos bancos escolares. O ambiente competitivo encarado pelas empresas as força a desenvolver técnicas cada vez mais eficientes para a realização de seus projetos, essas técnicas variam de empresa para empresa e estão em constante atualização. O ritmo é muito mais dinâmico e menos burocrático do que aquele vivenciado em uma instituição regida pelos princípios da administração pública tal como o Exército Brasileiro. Este ambiente de dinamismo e inovação estimula a criatividade do aluno, que terá capacidade de sugerir e tentar implantar mudanças na estrutura de nossos projetos a fim de tornar as atividades no EB mais eficientes.

Há muitos exemplos de alunos que implementaram o que aprenderam em projetos fora do IME em projetos para Organizações Militares e acabaram por contribuir mais para aquela OM do que teriam se realizassem apenas os objetivos inicialmente previstos.

Existe uma outra razão além do ganho de conhecimentos de engenharia e de gestão por detrás do estágio militar. Esta razão está no ganho pessoal da experiência do aluno em um ambiente não militar. O período inicial da carreira do Oficial, desde sua formação, é um período de muitas dúvidas. Muitos pensam em sair do EB depois de formar e uma parcela significativa pensa em abandonar o instituto e se formar em outra instituição de ensino. Durante esse período, o aluno que não vivenciou outras experiências cria uma imagem em relação ao ambiente de uma empresa civil que não necessariamente reflete a realidade e pode depreciar ainda mais sua situação no EB no momento em que algo negativo lhe ocorrer, pois fará uma comparação com esta realidade idealizada do espaço fora do EB. O estágio em empresa civil, portanto, constitui uma oportunidade do EB permitir um contato deste jovem com um ambiente empresarial real e deixá-lo tirar suas conclusões.

Esse último argumento, no parágrafo anterior, pode parecer estranho para alguns, frente a grande evasão que a nossa força vem vivenciando no Quadro de Engenheiros Militares. Aqueles que estranham provavelmente pensam que expor o aluno a um ambiente civil é

incentivá-lo a sair. Solicitamos a estes um pouco de compreensão e reflexão sobre estas atitudes e suas consequências sob o ponto de vista do aluno.

Vamos recorrer à metáfora do casamento. Abraçar a carreira militar é como firmar um casamento com a instituição a que se serve. Neste contexto, negar ao aluno a experiência em empresas civis seria como a esposa ciumenta que nega ao seu marido ser colega de outras mulheres. Ora, o marido escolheu casar com sua esposa, assim como o futuro oficial escolheu servir. Foi uma escolha dele, decorrente de diversos fatores da relação entre ele e ela exclusivamente. O marido não resolve ficar com uma outra mulher simplesmente porque conversa com ela, mesmo que ela seja bonita. Se a sua mulher o satisfaz, ele dificilmente irá trocá-la; não só porque está satisfeito, mas também porque essa troca envolve um esforço, envolve a conquista de uma outra mulher e envolve o abandono da esposa atual, que ele já conhece bem e com quem já constituiu vários elos de ligação.

Da mesma forma, aquele que escolheu abraçar a carreira militar por vontade própria, por gostar, não a troca senão por não se sentir satisfeito. Procurar um outro emprego envolve esforço e o abandono de tudo que já foi construído em uma instituição que já se conhece, já se está acostumado. A evasão atualmente é alta porque os alunos e, futuramente, os engenheiros do QEM não estão satisfeitos com o EB. Neste caso, de que adianta tentar contê-los a força? De que vale à esposa ter o marido se ele não a ama mais? O EB precisa de engenheiros motivados. Motivação é um dos principais componentes, se não o principal, necessário para que um profissional trabalhe bem e incentive os demais à sua volta a trabalhar bem. É portanto um componente importantíssimo para os membros de qualquer instituição, principalmente naquelas em que, se necessário for, far-se-á o sacrifício da própria vida. Segurar gente insatisfeita só piora o ambiente, desmotiva os demais e não gera um bom trabalho.

Temos que criar um ambiente favorável para que os engenheiros se identifiquem melhor com o Exército e possam encontrar meios de se sentir satisfeitos. Tentar conter a evasão proibindo ou dificultando o contato do aluno com o meio civil é o chamado “tiro no pé”, um erro com consequências piores. O indivíduo que quer realmente sair vai sair mais cedo ou mais tarde, foi perdido, esta atitude irá apenas dificultar um pouco sua vida, irritá-lo e contribuir para a desmotivação de outras pessoas à sua volta que observam essa situação, que se sentem em um ambiente bem restritivo e opressor. Quando este ambiente restritivo é confrontado com a imagem idealizada do meio civil construída por essa pessoa, ela também sente que deveria arriscar e sair. No final, o EB acaba perdendo 2 ou 3 engenheiros ao invés de “apenas” 1.

5) Conclusão

O IME é o primeiro contato com o EB para muitos dos jovens que nele ingressam e uma impressão negativa apresentada nesse período pode comprometer uma carreira, gerando (como há atualmente) pedidos de desligamento logo após a formatura, mesmo antes de se apresentar à nova OM.

Espera-se que este documento tenha apresentado fatores que geram desmotivação nos alunos do IME e tenha contribuído com boas sugestões para serem analisadas por aqueles que podem implementar mudanças.

6) Referências

[1]-Site oficial do IME: <<http://www.ime.eb.br/filosofia.html>> acessado em 11 de agosto de 2014.

[2]-Alves, Castro. Quem dá aos pobres, empresta a Deus.